

Os impulsos transformadores na evolução artística da humanidade I

Rudolf Steiner

GA 275* Segunda palestra^{NT} Dornach 29 dezembro de 1914

Tradução: Salvador Pane Baruja, 03/02/2025

Uso particular e sem fins lucrativos

NT: Esta palestra e as outras seis proferidas por Rudolf Steiner no final do ano de 1914 foram realizadas na carpintaria do que viria a ser posteriormente o primeiro prédio da Sociedade Antroposófica em Dornach, chamado inicialmente de *Johannesbau* e posteriormente rebatizado de *Goetheanum*. O público era formado em grande parte por antropósofos de várias nacionalidades, que trabalhavam na sua construção, mesmo depois de, meses atrás, ter começado a chamada primeira guerra mundial. As palestras foram taquigrafadas por Rudolf Hahn, Clara Michels e Franz Seiler.

No decorrer destas reflexões, gostaria ainda de falar com os senhores dos importantes impulsos de transformação da evolução artística da humanidade que existem em nossa época, conforme sugeri ontem^{NT}. Gostaria de entrelaçar este aspecto ao que surge diante dos senhores quando observam o nosso edifício, especificamente daquilo que o edifício quer ser um frágil começo. Contudo, para poder dar início a essas reflexões, é preciso inicialmente criar um fundamento a respeito da relação do artístico com os conhecimentos que adquirimos, especialmente um fundamento quanto à relação do ser humano com o mundo. Hoje gostaria de apresentar esta reflexão que poderá parecer mais teórica e amanhã continuar mostrando o que tem mais a ver com o nosso tema, justamente os impulsos transformadores do desenvolvimento artístico.

Eu digo que hoje gostaria de mostrar o que parece ser mais uma base teórica. Na realidade, trata-se daquilo que a ciência espiritual concebe como algo vivo, não teórico, mas algo absolutamente vivo. Isto somente pode ficar claro para as pessoas que não consideram as idéias dos corpos físico, etérico e astral e Eu como meras relações de uma representação esquemática da essência humana, mas como sendo uma síntese do que é realmente vivido nos sentimentos e nas representações do mundo espiritual.

Ao considerarmos cada arte isoladamente, a arquitetura apresenta-se como a arte mais descolada da totalidade da essência humana. A arquitetura está mais desprendida da essência humana, porque é colocada a serviço de nossos impulsos exteriores, seja do mero impulso utilitário, como é o caso da arquitetura utilitária, quando predomina o uso da construção, seja a serviço de muitos interesses idealistas, quando as obras arquitetônicas servem para o culto, para o serviço religioso, etc.

A partir do próprio desenvolvimento das observações, veremos como outras artes se ligam, eu diria, mais intimamente à verdadeira essência humana do que a arquitetura. A arquitetura tem algo que se desfez daquilo que poderíamos chamar de o elemento permanente da intimidade humana. E, mesmo assim, para o observador do mundo que parte da ciência espiritual a arquitetura realmente perde, por sua vez, em grande parte esse caráter de exterioridade.

NT: A palestra de 28 de dezembro de 1914 mostra as influências nocivas da vida moderna no ser humano, como a ciência espiritual poderia fortalecer as pessoas e a cultura humana, bem como a necessidade de renovar as artes, da qual a construção da sede da Sociedade Antroposófica em Dornach seria apenas o começo.

Quando abordamos a contemplação da essência humana, o que, inicialmente, se apresenta de certa forma como sendo o elemento mais exterior é o corpo físico. Mas esse corpo físico está impregnado, ondeado, entretecido pelo corpo etérico. O corpo físico poderia ser chamado de um corpo puramente espacial, uma organização espacial. Mas aquilo que está no interior do corpo físico ou, como os senhores sabem, sobressai deste corpo e mantém um íntimo contato com a totalidade do cosmos só pode ser observado quando também se considera o fator tempo. Pois, no fundo, tudo no corpo etérico é ritmo, um cíclico desenrolar de movimentos, de atividades, e o corpo etérico só adquire o caráter espacial porque preenche o corpo físico.

Aliás, para a contemplação imaginativa do ser humano é necessário representar o corpo etérico em imagens espaciais, mesmo que isso não seja a sua essência. A sua essência é o cíclico, o rítmico, o que se estende no tempo. E, assim como a musicalidade pouco tem a ver com a espacialidade, mas com a temporalidade, na realidade o corpo etérico humano pouco depende da espacialidade, mas depende do que se movimenta, do que movimenta, do que se forma na ação, mas que se forma rítmicamente, se forma na melodia, portanto, na temporalidade. Certamente que aqui reside a dificuldade do ser humano de se representar mentalmente, porque a representação humana está muito acostumada a relacionar-se a tudo o que é espacial.

Mas a pessoa deveria se esforçar em chegar a ter uma clara representação do corpo etérico, eu diria, de apoiar-se nas representações musicais e não nas espaciais. Se quisermos enfatizar mais uma característica do corpo etérico, poderíamos dizer que esse corpo etérico é, acima de tudo, um corpo de forças, na medida em que ele estende a sua ação rítmica, a sua atividade, até o corpo físico e o preenche. O corpo etérico é um fluir de forças, uma exibição de forças, que observamos nos fenômenos que se manifestam ao longo da vida do ser humano.

A maneira como a forma humana se ergue é um fenômeno da vida pouco observado pela ciência convencional e pela observação exterior do mundo, mas por nós frequentemente enfatizado. Na infância, nós entramos no mundo desprovidos da faculdade de poder assumir a posição mais importante do ser humano, que é a posição ereta. Em primeiro lugar, devemos conquistá-la. Na verdade, essa conquista provém do corpo astral, mas que deve, por assim dizer, transferir essa força de erguer-se ao corpo etérico, que, por sua vez, trabalha ao longo do tempo para endireitar a força ascendente ereta no corpo físico do ser humano. É assim que vemos o jogo vivo dos corpos etérico e astral na formação do corpo físico.

Essa é o mais chamativo fenômeno da conformação de uma posição reta, vertical. Cada vez que elevamos uma mão, contudo, ocorre um processo semelhante. No nosso Eu somente podemos ter o pensamento desse movimento da mão, que deve agir igualmente no corpo astral e este transmite a sua atividade – aquilo que a pessoa tem como impulso – para o corpo etérico. E o que acontece? Digamos que uma pessoa estende a sua mão na posição horizontal. Agora, ela gera em si mesma a representação mental de que quer elevar a mão bem mais para o alto. Essa representação chega ao corpo astral, criando o impulso que vai do corpo astral até o corpo etérico, que na vida é acompanhado pela elevação da mão. No corpo etérico, agora acontece o seguinte. Enquanto a mão está na posição horizontal, o corpo etérico também se eleva e a mão o acompanha. A mão física acompanha aquilo que inicialmente acontece como um ato de forças que desabrocham no corpo etérico. E a mão acompanha tudo isso.

Amanhã^{NT}, vou explicar o processo completo, hoje gostaria apenas de chamar a atenção para o fato de que na realização de cada movimento temos a ver com o desabrochar de forças, seguido por uma posição de equilíbrio. Na vida do nosso organismo, temos o tempo todo a ver com esse desabrochar de forças e essa posição de equilíbrio. Naturalmente, a pessoa não tem conhecimento consciente do que acontece nela mesma, mas nela ocorre algo de uma sabedoria infinita, algo infinitamente inteligente, e a inteligência do Eu humano nem chega perto do ocorrido.

Se dependermos de nossa inteligência, de nosso conhecimento, não poderíamos nem mexer a mão, pois as sutis forças que devem ser desenvolvidas do corpo astral para o corpo etérico e depois devem ser transferidas para o corpo físico escapam completamente ao conhecimento cotidiano do ser humano. Entretanto, aqui repousa uma sabedoria milhões de vezes maior, que deve ser aprimorada, assim como o relojoeiro fabrica um relógio. Geralmente, não pensamos nisso, mas na verdade essa sabedoria deve ser desenvolvida. Ela deve ser desenvolvida e será desenvolvida à medida em que nós nos entregarmos com nosso Eu a nós mesmos. Porém, no instante em que o Eu envia o seu impulso da representação ao corpo astral, um outro ente deve ajudar-nos, pois sozinhos não podemos de jeito nenhum fazer mais nada.

Nós dependemos da ajuda de um ente da hierarquia dos anjos. Esse ente deve ajudar-nos a realizar o menor movimento dos dedos, pois a sua sabedoria ultrapassa em muito a sabedoria humana. Se esses entes das hierarquias superiores não nos incluíssem permanentemente nas suas ações, só poderíamos ficar deitados, imóveis, e imaginar que estamos como que imobilizados por uma câimbra. Portanto, faz parte do primeiro passo da iniciação {esotérica} adquirir uma representação própria, um conhecimento próprio, de como essas forças agem na natureza humana.

Temos tentado mostrar aqui o que ocorre quando levamos a mão à cabeça e assim por diante. Pode-se dizer que agora conhecemos o lado mais superficial de nossa essência, aquilo que, através da ação do nosso corpo etérico, ocorre num sistema de forças e linhas no nosso corpo físico. Quando transferimos para o mundo exterior esse sistema espacial de forças e de linhas, que no fundo age permanentemente em nós, e ordenamos a matéria conforme esse sistema de forças, ou seja, quando descolamos esse sistema de forças de nós e organizamos a matéria segundo esse sistema, assim então surge a arquitetura.

A arquitetura na sua totalidade consiste em que descolamos de nós essa relação {anímica e espiritual} de forças e a colocamos no espaço exterior. Assim, podemos dizer, esquemáticamente, que a arquitetura surge quando achamos os limites mais exteriores do nosso corpo físico e expandimos para fora de nós os princípios constantes interiores que o corpo etérico cunha no corpo físico. Todos os princípios constantes que existem na união arquitetônica da matéria também estão presentes por completo no corpo humano. A arquitetura é a projeção de princípios constantes próprios do corpo físico para lá fora no espaço. Assim, sabemos que esta consideração do corpo físico inclui o corpo etérico.

Se olharmos retrospectivamente uma obra arquitetônica, o que poderíamos dizer a respeito dela? Poderíamos dizer que nesta obra arquitetônica as relações entre os elementos verticais e os horizontais estão colocadas no espaço, bem como as das forças que agem entre si, como, geralmente, ocorre no corpo físico humano. Tudo isso é projetado para fora. Outrossim, nós não podemos levar para fora de nós o que flui do corpo astral para baixo ao corpo etérico, mas somente transferir em nosso interior do corpo astral para o corpo etérico.

NT: A palestra de 30 de dezembro de 1914 também está disponível no portal www.steiner-portugues.de

Ao realizar essa ação, no fundo nos defrontamos com a materialização dos princípios constantes do corpo etérico, que os recebeu do corpo astral, assim como na arquitetura os princípios constantes do corpo físico são projetados fisicamente lá fora. Da mesma forma como a arquitetura surge a partir do nosso corpo físico, a escultura, a obra plástica, surge do nosso corpo etérico, de tal forma que, por assim dizer, empurramos os princípios constantes do corpo etérico para um patamar mais baixo.

Arquitetura	corpo físico
Escultura	corpo etérico

Assim como transferimos os princípios constantes do corpo físico para o espaço físico na arquitetura, assim também empurramos em um degrau para baixo os princípios constantes do corpo etérico na escultura. Não as separamos de nós, mas as inserimos na nossa aparência física. Da mesma maneira como a arquitetura vem a ser a configuração dos princípios constantes do nosso corpo físico no espaço exterior, da mesma forma a escultura vem a ser a configuração dos princípios constantes do nosso corpo etérico em nosso interior, nós apenas as inserimos como imagens na escultura. Todo o ordenamento das artes plásticas surge quando observamos esta condição.

Assim como na arquitetura nós somente transferimos os princípios constantes do nosso corpo físico, suas linhas espaciais e os efeitos de sua ação para o espaço exterior e nada mais levamos a ele, nada do corpo etérico, nada do corpo astral, nada do Eu, no caso da escultura se dá de tal maneira que nós rebaixamos em um degrau os princípios constantes do nosso corpo etérico, e nada temos do corpo astral, nada temos do Eu, somente na medida em que o corpo astral e o Eu enviam impulsos ao corpo etérico. É por isso que a escultura se apresenta para nós despertando a aparência de vida. Ela teria vida integral se o corpo astral e o Eu nela estivessem contidos. Portanto, quando buscamos os princípios constantes da escultura, deve ficar claro para nós que eles são os princípios constantes do nosso corpo etérico, assim como a arquitetura contém os princípios constantes do nosso corpo físico.

Se procedermos igualmente em relação ao corpo astral, rebaixando o elemento astral um degrau até o corpo etérico, então rebaixamos aquilo que já vive interiormente no ser humano. Através disso, na realidade nada acontece que possa ser mais espacial, porque quando se empurra o corpo astral no corpo etérico não se pode empurrar o âmbito espacial, porque o corpo etérico é ritmo, é harmonia e por aí afora. Portanto, só pode surgir, de fato, uma imagem: a pintura. A pintura é a arte que contém si os princípios constantes do nosso corpo astral, assim como a escultura contém os princípios constantes do nosso corpo etérico e a arquitetura os princípios constantes do nosso corpo físico.

Pintura	corpo astral
---------	--------------

Considerando o quarto membro da essência humana, o Eu, se rebaixarmos o Eu e os seus princípios constantes até o corpo astral, bem embaixo, e permitimos que ele se movimente, que fique ativo, temos assim um outro gênero de arte. É uma arte que não contém aquilo que age no Eu, que podemos resumir pela palavra ou através da nossa representação convencional, mas temos algo que pressiona o Eu em torno de um degrau para baixo contra o subconsciente. Por assim dizer, rebaixamos pela metade esse membro da essência humana no horizonte de nossa consciência, descemos meio degrau, e mergulhamos com o Eu no corpo astral. É assim que surge a música. A música contém, portanto, os princípios constantes do nosso Eu, mas não no sentido prosaico convencional como as vivemos, mas pressionadas para baixo no subconsciente, no corpo astral. É como se o Eu mergulhasse no corpo astral, nadando e flutuando nos princípios constantes do corpo astral.

Se agora quisermos falar dos membros superiores da essência humana, inicialmente da personalidade espiritual, só podemos falar de algo que ainda se encontra fora da essência humana. Isto é assim porque somente agora na nossa quinta época pós atlante começamos a interiorizar a personalidade espiritual como um membro interior. Mas quando o ser humano o recebe como algo elevado que desce até o seu Eu, que, portanto por sua vez mergulha no Eu como um nadador na água, {levando} aquilo que hoje só pode ser imaginado, portando um pressentimento da sua personalidade espiritual, aí então surge a poesia.

Poesia personalidade espiritual

Se quisermos avançar, podemos naturalmente, até um certo ponto, dizer que, como em nosso ambiente espiritual também repousa o espírito vital, que vamos receber no futuro, o espírito vital vai descer até o homem espírito. Mas, naturalmente, ainda deve ocorrer algo que levará o ser humano num futuro muito distante a atingir um certo grau de perfeição. Na medida em que o ser humano tentar que o espírito vital desça até o homem espírito, o ser humano viverá totalmente num elemento que hoje lhe é absolutamente estranho. Neste campo, pode-se, no máximo, falar disso da mesma maneira como quando hoje se compara o gaguejar do neném com a perfeição da linguagem posterior. Pode-se pressentir que existirá uma arte de enorme perfeição, que de certa forma vai sobrepujar a poesia, assim como a poesia sobrepuja a música, a música sobrepuja a pintura, a pintura sobrepuja a escultura e a escultura sobrepuja a arquitetura. Evidentemente, não se trata aqui de uma superioridade, mas simplesmente de um ordenamento.

Evidentemente, os senhores vislumbram que acabei de sugerir algo que hoje existe na sua mais absoluta alvorada, que só poderíamos ter como sendo a primeiríssima alusão, que é a euritmia. A euritmia é verdadeiramente algo que hoje deve surgir como uma necessidade na evolução do ser humano, mas não deve haver qualquer razão para arrogância, pois ela é hoje em dia o gaguejar em relação àquilo que no futuro irá surgir a partir dessa arte.

Ampliando esta observação, podemos continuar em outras áreas. Mas se quisermos avançar com esta observação, devemos ter a clareza de que verdadeiramente a organização humana não é assim como frequentemente as pessoas gostariam de imaginá-la para satisfazer a própria comodidade do conhecimento. De fato, é infinitamente cômodo imaginar que o ser humano é constituído dos corpos físico, etérico e astral, do Eu, etc. Quando a pessoa consegue enumerar e ter uma representação aproximada disso, ela pode ficar facilmente satisfeita diante desse relativamente cômodo conhecimento. Mas as coisas não são assim simples. Os corpos físico, etérico e astral, e o Eu não são cascas que dá para entrelaçar entre elas, mas de fato criações muito complexas. Por exemplo, não se pode escolher o corpo astral e simplesmente dizer: “isso é o corpo astral e pronto”, porque ele é muito mais complicado.

Somente utilizando palavras de significado aproximado {NT: ao que Steiner observou} pode-se dizer, por exemplo, que o corpo astral tem em si uma estrutura de sete membros. Da mesma maneira como o próprio ser humano é constituído de sete membros - os corpos físico, etérico e astral, o Eu, a personalidade espiritual, o espírito vital e o homem espírito -, o corpo astral perspassa todos esses membros e, por assim dizer, existe uma parte mais fina do corpo astral, que seria prioritariamente formada e adequada ao corpo físico. Portanto, {temos} o corpo astral plenamente ordenado conforme os seus princípios constantes para o corpo físico, o corpo astral plenamente ordenado conforme os seus princípios constantes para o corpo etérico, o corpo astral plenamente ordenado conforme os seus princípios constantes para si mesmo, o corpo astral plenamente ordenado conforme os seus princípios constantes para o Eu, o corpo astral plenamente ordenado conforme os seus princípios constantes para a personalidade espiritual, para o espírito vital e para o homem espírito.

Cada um desses membros tem, por sua vez, sete membros, de tal maneira que, considerando que cada um dos sete membros do ser humano é novamente constituído de outros sete, já temos aí 49 membros. Naturalmente, isto é um horror para a Psicologia moderna, que não quer saber de algo assim e considera a alma como uma unidade. Só que para chegar a um verdadeiro conhecimento, que deve atingir gradualmente a evolução espiritual da humanidade, isto é de grande significado. Pois, se nós sabemos que a natureza do corpo astral comporta sete membros e é um organismo de impulsos vitais interiores, então devemos dizer que nesse corpo astral e na sua organização de sete membros também ocorrem processos entre cada um desses membros.

A parte do corpo astral que corresponde ao corpo físico mantém uma certa interação com a seção do corpo astral que está em contato com a parte do corpo etérico, e com a seção que se liga ao próprio corpo astral e assim por diante. Nada disso é apenas uma abstração, pois no organismo humano pode acontecer, por exemplo, de a pessoa sentir, aliás mais inconsciente do que conscientemente, uma emoção na parte do corpo astral que corresponde ao corpo físico. Depois, pode acontecer de uma determinada emoção chegar necessariamente à parte do corpo astral que corresponde ao corpo astral e por aí afora. Algo assim acontece mesmo, não é apenas teoria, mas realmente acontece.

Se os senhores se representarem mentalmente que os sete membros do corpo astral se encontram em interação entre si assim como ocorre entre os intervalos da escala musical - intervalos de primeira, segunda, terça, quarta, etc - e se deixarem levar pelos efeitos de uma melodia na organização humana, aí teriam que cada tom da melodia é vivenciado pelo correspondente membro do corpo astral. O intervalo de terça é sentido pela parte do corpo astral que corresponde ao próprio corpo astral, o de quarta pela parte que tem a ver com a alma da razão e o de quinta pela parte que tem a ver com a alma da consciência.

Os senhores devem lembrar que, como dividimos o corpo astral mais exatamente, {ele} possui na verdade nove membros e por isso também devemos organiza-lo em função das presentes indicações. Eu poderia enumerar assim que, conforme estamos usando agora, o membro do corpo astral que corresponde ao corpo físico é vivenciado pelo intervalo de primeira. A parte do membro do corpo astral que, segundo estamos aqui empregando, corresponde ao corpo etérico é vivenciado pelo intervalo de segunda. Eu poderia dizer que a parte do membro do corpo astral que corresponde ao próprio corpo astral é vivenciado pelo intervalo de terça.

Quinta	alma da consciência
Quarta	alma da razão
Terça	corpo astral / x corpo astral
Segunda	corpo etérico
Primeira	corpo físico

Agora os senhores vêem que a presença da terça maior e da terça menor realmente corresponde à inserção do corpo astral na totalidade da organização do ser humano. Isso se desagrega, por um lado, naquilo que denominamos de corpo astral e, por outro lado, naquilo que chamamos de alma da sensação, conforme os senhores podem ler no meu livro *Teosofia*^{NT}. Portanto, aquilo que eu chamo de terça tanto pode corresponder ao corpo astral quanto à alma da sensação. A primeira opção vem a ser a terça maior e a segunda, a terça menor.

Efetivamente, a vivência interior de uma peça musical se apoia nessa ação musical interior do corpo astral, só que, enquanto ouvimos a peça musical com o nosso Eu, ao mesmo tempo mergulhamos através da vivência do nosso corpo astral em determinadas regiões subconscientes. Mas isso leva-nos com toda certeza a uma questão muito importante. Observemos que, na medida em que somos um ser astral, levamos em nós um corpo astral. Então, o que é que nós somos? Nós somos seres astrais criados a partir das leis musicais do cosmos. Na medida em que nós somos um ser astral, temos uma conexão musical com o cosmos. Somos mesmos um instrumento.

Agora, digamos que nós não ouviríamos fisicamente os tons, mas sim ouvir essa criativa ação cósmica, que foi gerada pelo cosmos na nossa organização astral. Assim, poderíamos ouvir soando a música universal, que sempre foi chamada de a música das esferas. Digamos que nós estariámos em condições de mergulhar conscientemente na nossa entidade astral e poderíamos elevar essa entidade astral a tamanha preeminente força, a tamanha força espiritual, que nós poderíamos ouvir as atividades criativas da música universal. Aí, poderíamos dizer que o cosmos toca {NT: no sentido de fazer soar um instrumento musical} a nossa própria entidade com ajuda de nosso corpo astral.

Em tempos muitos remotos, o pensamento que acabei de expressar para os senhores realmente vivia nas pessoas. Ao chamar a atenção para isso, aponta-se por sua vez para a absoluta materialização do desenvolvimento humano na quinta época cultural pós atlante. Naturalmente, esse pensamento não existe na atual cultura exterior da humanidade. A humanidade não sabe que o ser humano é um instrumento em relação ao seu corpo astral. Mas nem sempre foi assim e poderíamos dizer que hoje em dia isso foi esquecido. Efetivamente, houve um tempo no qual as pessoas diziam que, certa vez, existiu um homem chamado João, que podia colocar-se num estado espiritual que lhe permitia ouvir a música da Jerusalém celestial.

NT: Veja *Teosofia*, Obra Completa volume 9, Editora Antroposófica, sétima edição, São Paulo, 2004.

As pessoas diziam que a música da Terra só pode ser uma repetição da música celestial, que começou com a criação da humanidade. As pessoas do lado mais religioso da humanidade sentiam que, ao se voltar para os desejos do mundo físico, o ser humano incorporara em si os impulsos que ofuscavam, escureciam, {a percepção de} a música celestial. Ao mesmo tempo, sentiam que deveria existir um caminho na evolução da humanidade para que, por meio da purificação da caótica vida exterior, fosse possível ouvir através da música exterior material a música espiritual do cosmos.

Ainda nos séculos X e XI, expressava-se de maneira bela essa relação da música material exterior, pois assim queria indicar-se a sua origem divina, com a imagem original no mundo espiritual como sendo a música celestial. Ou seja, à medida em que se postulava que se tocasse música nas cerimônias religiosas, a pessoa deveria ter consciência que, quando ela gerava os tons, deveria se libertar da relação com o mundo exterior, que era sentido como sendo simplesmente caótico e impuro. A vida da costumeira linguagem cotidiana era tida como algo impuro. Quando as pessoas se elevavam dessa linguagem para a música que era a imagem da música celestial, elas se vivenciavam como elevadas às alturas espirituais. Essa vivência era expressada quando as pessoas falavam¹:

Ut queant laxis
resonare fibris
mira gestorum
famuli tuorum
solve polluti
labii reatum
Sancte Iohannes^{NT}

Isso poderia ser assim traduzido: para que o teu servo possa cantar o milagre da tua obra com leves cordas vocais, expia a culpa dos lábios que viraram terrenais – para os lábios capazes de falar –, São João. Aquele que numa ocasião como esta elevava o olhar era um ouvinte da Jerusalém celestial. E se os senhores destacarem alguns elementos existentes nestas estrofes – *ut*; depois *re* de *resonare*; *mi* de *mira*; *fa* de *famuli*, *sol* de *solvei*, *la* de *labii* e *si* de S. J., considerando que *ut* foi mais tarde substituído por *do* e SJ corresponde a *si*, porque em latim não se usava o *j* –, aí estão as notas do *re mi fa sol la si* da escala musical. Nesse verso acima, elas estão como que guardando um segredo.

1 Esta é a primeira estrofe de um hino do século IX, dedicado a João Batista. O monge beneditino e músico Guido de Arezzo (990-1050) utilizou a sílaba inicial das seis primeiras frases para nomear as seis notas da escala musical: *ut, re, mi, fa, sol e la*. {Posteriormente, *ut* foi mudada para *do*. O nome da sétima nota provém da abreviação de *Sancte Iohannes* ou seja São João = *si*}.

NT: Rudolf Steiner leu uma tradução do latim ao alemão. Achei adequado incluir aqui duas traduções do latim ao português:

Para que os servos possam,
 com suas vozes soltas,
 ressoar as maravilhas de vossos atos,
 limpa a culpa do lábio manchado,
 ó São João!

Fonte: *A origem dos nomes das notas musicais: um hino católico a São João Batista!*, disponível em www.aleteia.org

Doce, sonoro, ressoe o canto,
minha garganta faça o pregão.
Solta-me a língua, lava-me a culpa,
ó São João!

Fonte: Sagrada Congregação para o Culto Divino *Oração das horas* [Tradução oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil] Editora Vozes 2^a edição, 1997 pp. 1269–1270. Esta versão é destinada ao uso litúrgico}.

Quando temos acesso ao que ainda viveu até os séculos XI e XII do conhecimento clarividente atavístico nas almas, como nesta ocasião, vemos que tudo isso como que desapareceu diante da avalanche da visão materialista do mundo, como que escapuliu da consciência do ser humano. Porém, agora vivemos no tempo em que, graças ao conhecimento espiritual, devemos voltar a encontrar, devemos novamente criar, essa ligação.

É como nos fosse mostrado tudo isso claramente para que possamos ver que o desenvolvimento entrou em declínio tão profundo que daí surgiu um pântano. A água barrosa do pântano é o que a visão materialista do mundo trouxe às representações mentais. Em compensação, agora, encontramo-nos na fase de elevar-nos trabalhosamente do pântano materialista, de ascender novamente, e encontrar aquilo que a humanidade perdeu na queda.

Ontem mencionei que, no fundo, o ser humano não somente dorme à noite, mas algo dele também dorme durante o dia. Durante a noite, dorme mais aquilo que vem a ser a ligação do pensar com o sentimento. E durante o dia o volitivo com o sentimento. É justamente nessa ligação do volitivo e do sentimento que a pessoa mergulha quando o Eu mergulha no corpo astral. No ressoar da obra musical, dá-se claramente a situação de que a pessoa conscientemente mergulha com a natureza do seu Eu naquilo que geralmente dorme nela. Quando os senhores ouvem uma sinfonia, o processo interior da convencional e profana vida do pensar dos senhores fica abafada e os senhores mergulham com a própria vivência anímica e espiritual naquilo que, em geral, dorme durante a vigília diurna.

Isso condiciona a conexão do efeito musical com todas as forças vitais do organismo humano e estimula a relação com tudo aquilo que perspassa e vitaliza integralmente o ser humano, e que o faz crescer, unindo-o às massas de tons que nele fluem. E, quando dormimos à noite, a profana vida do pensar é abafada num elemento que ainda não faz parte na nossa consciência normal {durante a vigília diurna}.

Mas quando conseguimos trazer à consciência de vigília comum aquilo que acorda na pessoa que dorme, quando aquilo que vive na pessoa durante o sono mergulha na vida do cotidiano, aí então isso torna-se poesia. Observem os senhores o contraste: eu tinha acabado de dizer que na vivência musical a vivência do Eu mergulha naquilo que dorme durante o dia e agora digo que a vivência da noite mergulha na vigília diurna. Pessoas como Platão perceberam isso, pois chamavam a poesia de o sono dos deuses.

Se aprofundarmos a relação do ser humano com a totalidade do cosmos, o que geralmente é possível se formos guiados pelas artes, poderíamos de certa maneira vivificar aquilo que, de outra forma, permanece sendo um mero molde conceitual. Percebem os senhores que as coisas não são moldes conceituais! Certas pessoas têm tamanha alegria quando ordenam num esquema o que desenvolvi no meu livro *Teosofia*. Com certeza, algumas delas pensaram que é uma mera teimosia da minha parte ter apresentado nesta palestra três trimembrações², mas de tal forma que elas combinam entre si, pois eu me desviei do tema em relação ao que elas aprenderam em eventos teosóficos do passado.

Mas se a pessoa prestar atenção à realidade da questão que ela vive, aí então vai concluir, a partir da natureza das melodias em tom maior e em tom menor, que ela está profundamente fundamentada na totalidade da estrutura do cosmos. Somente quando as questões são extraídas vivamente da totalidade da estrutura do cosmos é que elas expressam uma verdeira realidade.

2 Veja *Teosofia*, capítulo A natureza do homem - IV. Corpo, alma e espírito.

Naturalmente, foi necessário falar, no início, das razões que só no decorrer dos anos realmente foram aparecendo. Foi necessário correr o risco de que as pessoas poderiam vir com suas críticas, porque não sabiam a que se referiam esses temas, nem como deveriam ser excluídos, quando se considera a estrutura integral do cosmos.

Mas é assim mesmo com muitos outros temas. Pode-se argumentar muito mesmo contra muito do que aqui foi dito, caso a abordagem estiver fundamentada em conceitos superficiais. Mas já no decorrer dos anos, ou talvez das décadas, vai surgir aquilo que vai explicar as questões. Mesmo os conhecimentos da ciência espiritual serão frutíferos, quando deixarem de ser teorias e passarem a ser vivências. Tudo depende de a pessoa se erguer acima daquilo que inicialmente se liga às meras palavras corpos físico, etérico e astral, etc., e passar a vivificar essas idéias, pois é a partir dessa vivificação das idéias que surge, irradia, uma verdadeira compreensão do mundo.

Quem estiver em condições, poderia comparar aquilo que aflorou da estética no decorrer dos últimos 150 anos com o que, a partir do conhecimento da organização do ser humano, poderá surgir posteriormente para o fluir das artes. E quem comparar virá que, sem o conhecimento da organização humana, é impossível chegar a uma verdadeira compreensão daquilo que vive em nosso entorno e nos deleita.

A partir do fato de que com a ciência espiritual realmente já foi dado um impulso inicial, que irá se desenvolvendo gradualmente, gostaria de suscitar o sentimento de que nós, de certo modo, estamos predestinados a dar os primeiros passos e poder intuir o que virá a partir deles, quando não estivermos mais nesta encarnação.

Arquitetura	corpo físico
Escultura	corpo etérico
Pintura	corpo astral
Música	Eu
Poesia	personalidade espiritual
Euritmia	espírito vital

* GA 275 A arte à luz da sabedoria dos mistérios Rudolf Steiner Verlag, Dornach, segunda edição, 1990.